



Alvaro Dias fala sobre a dívida na Fiesp, entre Teixeira da Costa e Mota Veiga

Álvaro Dias quer dívida convertida em capital

NUNZIO BRIGUGLIO
Da Sucursal

São Paulo — O governador do Paraná, Alvaro Dias, foi o principal palestrante do seminário sobre Política Econômica e Mercado de Capitais, realizado ontem, em São Paulo. Ele compôs a mesa do segundo painel, (Dívida Externa x Conversão), juntamente com o presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, Sérgio Barcelos; o atual presidente da Comissão de Valores Mobiliários, Luiz Otávio da Motta Veiga; e o presidente da Brasilpar, Roberto Teixeira da Costa.

“Não nutro preconceitos contra o capital ou tecnologia multinacionais; também não me iludo e não espero que elas venham substituir o nosso intransferível e indelegável esforço interno, afinal de contas não há registro histórico de uma grande nação produzida com o sangue, o suor, as lágrimas e as poupanças das outras, vizinhas e amigas”. Com esta preliminar, o governador Alvaro Dias definiu-se favorável à conversão da dívida externa brasileira em capital de risco. Mas ressaltou: “Não creio na conversão como uma panacéia, capaz de liquidar a totalidade da dívida externa e nos livrar do peso e da responsabilidade das duras e difíceis negociações com os credores”.

Alvaro Dias considerou também insensato, extemporâneo e deslocado o artigo, incorporado pela Comissão de Sistematização da Constituinte ao projeto constitucional, que veda, sob qualquer forma, a conversão da dívida externa no todo ou em parte, em capital de risco, em território nacional. “Este artigo, que trata de matéria não-constitucional, é uma espécie de cerrar as portas e dar as costas à corrente histórica” — disse o governador paranaense.

Pragmático em sua exposição, Alvaro exemplificou uma operação de conversão, concluindo que todos parecem ganhar: o banco credor, que contabiliza apenas um prejuízo tolerável; a empresa multinacional beneficiada pelo deságio e pelo investimento no Brasil com cruzados; e o Governo, que pode imaginar ter descoberto a pedra filosofal, trocando a dívida por capital de risco. Res salvou, entretanto, que dois são os problemas emergentes: “a gigantesca desnacionalização que pode ser desencadeada e os efeitos inflacionários oriundos da emissão em cruzados do montante do débito convertido”.

Como antídoto a esses efeitos colaterais, o governador sugere a criação de mecanismos que preservem o interesse das empre-

sas nacionais, ao mesmo tempo em que caberá ao Governo federal precaver-se exercendo um efetivo controle da emissão e consequentemente da inflação. “Ninguém faz benemerência na banca internacional e o súbito interesse de promover a conversão deve ser visto com cautela” — concluiu.

AUDITORIA

Alvaro Dias defendeu a auditoria da dívida externa. “Não para repudiá-la” — justificou “mas para entender os detalhes de sua gênese”. Segundo o governador paranaense, parte do montante da dívida derivou da simples repactuação em níveis de juros mais elevados. “Outra parte substancial, contudo, derivou das políticas de financiamento das multinacionais que — dependendo da legislação de remessa de lucros em diferentes países — estabelecem se é mais atrativo exportar lucros (remessa de lucros) ou endividar-se no Brasil. Por exemplo, exportando juros (operações casadas com bancos internacionais) que se transformarão em lucros em outros países ou no país em que se encontra a matriz” — explicou.

Finalizando sua participação, o governador paranaense defendeu os objetivos traçados pelo ex-ministro Dilson Funaro.